

*Literatura Menor: a literatura periférica
representada na obra Os Supridores, de
José Falero¹*

Minor Literature: the peripheral literature represented in
the work *Os Supridores*, by José Falero

Naiara Joelma Bispo da Silva²; André Rezende Benatti³

Resumo: Enquanto processo, a literatura latino-americana tem representado, na contemporaneidade, as relações entre a literatura e o contexto sociocultural, salientando as relações sujeito e identidade, com isso, tem se discutido a existência de uma literatura apontada como sendo menor. Nesse contexto, a razão deste estudo é apresentar conceitos acerca da literatura menor, bem como, discutir a representatividade da literatura periférica. Para tanto, tem-se como corpus da pesquisa a obra *Os Supridores* (2020), de José Falero (1987), um romance que busca representar a cultura da periferia ressaltando a questão dos espaços

¹ Artigo apresentado a disciplina de Narrativas Latino-Americanas Contemporâneas ministrada pelo Prof. Dr. Andre Rezende Benatti como requisito parcial para conclusão dos créditos do curso de Mestrado Acadêmico em Letras – PPGLetras – UEMS.

² Licenciada em Letras, com habilitação em Português e Inglês, pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (2005). Mestranda no Programa de Pós-Graduação - Mestrado Acadêmico em Letras, área de concentração: linguagem, língua e literatura (da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (2022), com bolsa CAPES. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9829-9594>. E-mail: naiara63@hotmail.com.

³ Doutor em Letras Neolatinas: estudos literários neolatinos (literaturas hispânicas) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2018); Mestre em Letras: estudos literários pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (2013) e graduado em Letras, habilitação em Português/Espanhol, pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (2009). Atualmente é professor adjunto – nível IV da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. Professor do quadro permanente do Programa de Pós-graduação (Mestrado) em Estudos de Linguagens da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8909-8347>. E-mail: andre_benatti29@hotmail.com

em que muito se discute sobre a arqueologia da pobreza, que trata a miséria com base em uma necessidade de se estabelecer a integridade da pessoa humana, considerando o direito de viver com dignidade e a desumanização do trabalho assalariado. A metodologia alicerçou-se na pesquisa bibliográfica com base no material discutido nas aulas de Narrativas Latino-Americanas Contemporâneas, de Garramuño (2014); Schollhammer (2011); Agamben (2009); Resende (2008), dentre outros autores que subsidiam a discussão.

Palavras-chave: Literatura menor; periferia; José Falero; Os Supridores.

Abstract: *As a process, contemporary Latin American literature has represented the relationship between literature and the sociocultural context, emphasizing the relationship between subject and identity, with this, the existence of a literature identified as being minor has been discussed. In this context, the objective of this study is to present concepts about minor literature, as well as discussing the representativeness of peripheral literature. For this purpose, the research corpus is the work Os Supridores (2020), by José Falero (1987), a novel that seeks to represent the culture of the periphery, highlighting the issue of spaces in which much is discussed about the archeology of poverty, which treats misery based on a need to establish the integrity of the human person, considering the right to live with dignity and the dehumanization of paid work. The methodology is established on a bibliographic research based on the material discussed in Contemporary Latin American Narratives classes, Garramuño (2014); Schollhammer (2011); Agamben (2009); Resende (2008), among other authors that support the discussion.*

Keywords: Minor literature; periphery; Jose Falero; Os Supridores.

Introdução

A produção literária dos sujeitos oriundos das classes menos favorecidas, ou das periferias, tem sido intitulada de literatura periférica ou marginal e muito tem sido representado nesses materiais, sobretudo nas questões que envolvem as desigualdades sociais e as mazelas da exclusão. Por intermédio dessas produções, os indivíduos advindos da periferia estão conquistando novos espaços, assim como a visibilidade, considerando produções que explicitam o cotidiano da periferia, fazendo com que as pessoas se reconheçam, propiciando a formação cultural de pessoas que passaram a se enxergar representadas.

As narrativas da literatura latino-americana contemporânea têm sido uma forma de ressaltar as desigualdades sociais e a violência nas áreas periféricas. Dessa forma, a literatura, como representação do real, constitui uma fronteira entre o real e o ficcional um espaço muito tênue, uma personificação da realidade cotidiana que coloca as pessoas no entrelugar.

Atualmente, esse contexto de espaços está sendo tratado como cultura periférica, na qual muito se discute sobre a arqueologia da pobreza, que trata a miséria com base em uma necessidade de se estabelecer a integridade da pessoa humana, atentando para o direito de viver com dignidade. É necessário, então, entender o contexto que envolve a

produção literária, e a força das discussões que constroem a história da literatura contemporânea.

Ao delimitar o *corpus* de uma pesquisa, bem como, ao buscar uma temática que seja interessante e que possa atingir o objetivo de qualquer produção (que é se fazer compreender), o pesquisador passa por várias etapas para produzir o seu arquivo literário. O romance *Os Supridores* (2020), de José Falero (1987), publicado pela Editora Todavia, tem sido classificado como literatura periférica ou marginal por apresentar uma abordagem sociocultural e política acerca da desumanização do trabalho assalariado.

O cenário que contextualiza o romance é o supermercado Fênix, localizado na região central de Porto Alegre, espaço em que trabalham as personagens Pedro e Marques, como supridores (na linguagem da região). Eles são repositores de mercadorias no estabelecimento, ressaltando a busca por melhores condições de vida, um relato sobre a violência urbana e a desigualdade social, uma discussão acerca de valores morais pré-estabelecidos por determinadas parcelas da sociedade, que, na realidade, não compõem o cotidiano da periferia, uma sátira da desgraça sem banalizar a tragédia, pois o autor pontua as tragédias urbanas com um humor áspero, dando voz a um trabalhador que trabalha para sobreviver.

O trânsito entre a vivência na periferia e a prestação de serviço em áreas de outras classes pode funcionar como um gatilho para expressar o que se aborda neste estudo como sendo uma desumanização do trabalho assalariado. Sendo assim, busca-se apresentar o contexto da obra e o autor José Falero (1987) que vem discorrendo sobre a necessidade de arrancar a literatura de um altar burguês.

Para melhor compreensão das concepções desse autor cabe contextualizar o lugar em ele está inserido, visando analisar como a periferia retratada na obra construiu o autor, ou ainda, de que modo o autor construiu uma obra estruturada na filosofia do tráfico com a filosofia marxista.

Para tanto, a metodologia empregada é de natureza qualitativa e bibliográfica, de caráter descritivo-explicativo, uma revisão do referencial bibliográfico trabalhado na disciplina de Narrativas Latino-Americanas Contemporâneas de Garramuño (2014); Schollhammer (2011); Agamben (2009); Resende (2008), dentre outros autores que subsidiam a discussão, assim como, artigos científicos em banco de dados, como a

Scientific Electronic Library Online - Scielo e Google Acadêmico, em sites de universidades disponíveis na internet.

Outras ferramentas de pesquisa também serão utilizadas, como, por exemplo: Livros, Relatos de experiências, Dissertações e Teses. A pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (Minayo, 2001, p. 21). Desse modo, segue uma apresentação do autor, a contextualização acerca da obra *Os Supridores*, e um breve apanhado sobre a Literatura periférica, no contexto da literatura contemporânea.

2 José Falero – “*menino periférico de quebrada*”

José Falero, pseudônimo de José Carlos da Silva Júnior, natural da Lomba do Pinheiro, bairro localizado na periferia de Porto Alegre, filho de José Carlos da Silva e de Rita Helena Falero, tendo como irmã Caroline Falero da Silva, teatrólogo, sempre buscou incentivar o hábito da leitura, visto se sentir deslocado na escola. O “ambiente da escola sempre me foi hostil, mas tenho o direito de estar dentro dela. Decidi que não me privaria mais do estudo formal”, comentou, em entrevista à Revista Opera⁴. Dessa forma, cedo buscou trabalhar atuando em diversas profissões, retomando os estudos e concluindo o ensino médio na EJA (Educação de Jovens e Adultos) e, apenas em 2021, mas sempre foi incentivado pela mãe e pela irmã a aprimorar seus conhecimentos e desenvolver seus projetos, ainda que as oportunidades estivessem muito distantes da sua *quebrada*.

[...] afastada do Centro, fora do alcance dos tentáculos do poder público, abandonada à própria sorte, assim tinha construído em torno de si uma assustadora fama de terra sem lei, onde nem as mais abomináveis selvagerias eram motivo de surpresa [...]. Dúzias de vilas compunham o bairro, todas crescendo e crescendo sem qualquer planejamento às margens da estrada, todas derramando-se desordenadamente por encostas íngremes, todas fazendo fronteira com algum matagal (Falero, 2020, p. 18).

⁴ Disponível em: <https://revistaopera.com.br/2021/08/23/jose-falero-o-ex-supridor-de-supermercado-que-se-tornou-o-escritor-mais-discutido-do-brasil/>. Acesso em: 10 de julho de 2022.

Por mais que os limites da periferia fizessem fronteira com espaços que não favoreciam o desenvolvimento de grandes projetos, a família de José sempre buscou incentivá-lo. Desafiado, pela irmã, a ler e a produzir histórias, já que gostava de mangas e histórias em quadrinhos, resolveu conhecer o mundo da leitura, “se tu nunca leu um livro, tua opinião não importa. Tu não pode dizer que não gosta de algo que não conhece”, e assim, temos um escritor que salienta a necessidade de se tirar a literatura do altar burguês, “o mercado editorial está se abrindo, aos poucos, para as vozes periféricas, porque há uma demanda reprimida por nossa arte. Nós sempre tivemos o que dizer. Eu não sou uma exceção”⁵, destaca a questão da desigualdade social diante dos anseios e das limitações impostas para os que estão à margem da sociedade, e exemplifica descrevendo a sua situação familiar.

É que, tipo assim, a gente era quatro, né? Eu, minha irmã, minha mãe e meu pai. Aí a gente tava no Pinheiro e tal e a gente foi morar... tô trazendo aqui a natureza dessas questões, né? A gente foi morar na Cidade Baixa [bairro conhecido por boêmio e universitário, próximo ao centro administrativo e comercial de Porto Alegre]. Imagina o choque, né? A gente foi morar na Cidade Baixa porque meu pai virou zelador lá. Aí, depois de um tempo, ele se separou da minha mãe, né? Meu pai é falecido, um pouco antes de falecer, ele se separou da minha mãe. E a minha mãe voltou a morar na Lomba do Pinheiro, e eu voltei com a minha mãe. A minha irmã ficou morando com meu pai, porque a minha irmã tava estudando num bom colégio na época, fazendo o ensino médio lá no Parobé. Aí eu tava no ensino fundamental, meio que tanto fazia o colégio, e então ok, vou vim com minha mãe. E ela não, né? Ela ficou lá. Ela fazia um curso de Eletrônica, se eu não me engano, no Parobé, que era feito junto com o Ensino Médio, e por essas questões ela ficou lá no meu pai. Aí é nesse curso que ela vai conhecer o pessoal do teatro, vai começar a frequentar teatro, vai se apaixonar por teatro, e mais: vai ter contato com essa possibilidade do mundo acadêmico. E eu, aqui no Pinheiro, vim me desenvolver numa outra realidade, numa realidade em que ninguém sonha em cursar uma graduação, onde é meio que... ninguém sequer conversa sobre isso. É meio que assim ó: olha, tu vai acabar o ensino fundamental e tu vai começar a trabalhar, sabe? É o senso comum generalizado, assim. Todo mundo pensa isso. Acabou o ensino fundamental, é trabalho. Se tu quiser, tu ainda faz o médio, pra tentar conseguir uns trabalhos depois, mas é trabalhar e fazer o ensino médio ao mesmo tempo. Ou abandona o estudo. Mas é isso: concluir o ensino médio é o topo, assim. (FALERO, 2021)

No contexto literário, é possível afirmar que

[...] os juízos de valor que a constituem são historicamente variáveis, mas esses juízos têm, eles próprios, uma estreita relação com as ideologias sociais [...]

⁵ Disponível em: <https://revistaopera.com.br/2021/08/23/jose-falero-o-ex-supridor-de-supermercado-que-se-tornou-o-escritor-mais-discutido-do-brasil/>. Acesso em: 10 de julho de 2022.

pelos quais certos grupos sociais exercem e mantêm o poder sobre outros (Eagleton, 2006, p. 24).

O espaço social que abriga os anseios do autor é dotado de limitações que ele pontua no texto, desde o acesso ao ensino, e a exclusão na escola, assim como o fato do pouco dinheiro dar só para comer. Falero afirma que, “a distância entre a cultura e as pessoas pobres não era física (Falero, 2020, p. 32)”, assim, cabe salientar que, os relatos partem do real para o ficcional na observação do cotidiano. Os sujeitos periféricos não se reconhecem nas publicações do cânone, e talvez isso seja um complicador para que esse público não se torne leitores ativos: “E se tu, leitor, estiveres lendo isto, *très bien*. É porque Pedro conseguiu escrever tudo o que desejava” (Falero, 2020, p. 301).

Com a abordagem social trazida pela literatura periférica, há reconhecimentos dessas personagens, na representação do real no ficcional, elas deixam de ser vistas como estranhos.

Todas as sociedades produzem estranhos. Mas cada espécie de sociedade produz sua própria espécie de estranhos e os produz de sua própria maneira, inimitável. Se os estranhos são as pessoas que não se encaixam no mapa cognitivo, moral ou estético do mundo - num desses mapas, em dois ou em todos três; se eles, portanto, por sua simples presença, deixam turvo o que deve ser transparente, confuso o que deve ser uma coerente receita para a ação, e impedem a satisfação de ser totalmente satisfatória; se eles poluem a alegria com a angústia, ao mesmo tempo que fazem atraente o fruto proibido; se, em outras palavras, eles obscurecem e tornam tênues as linhas de fronteira que devem ser claramente vistas; se, tendo feito tudo isso, geram a incerteza, que por sua vez dá origem ao mal-estar de se sentir perdido - então cada sociedade produz esses estranhos (Bauman, 1997, p. 27).

A desigualdade social e a falta de acesso à cultura e à educação, assim como o contexto das violências que moldam as periferias, geram os estranhos e formam a construção da identidade, de modo geral, é um processo, ou seja, “algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, [...] ela está sempre incompleta, está sempre em processo, sempre sendo formada (Hall, 2000, p.3 0)”.

Assim, a estruturação dessa identidade base, com o desenvolvimento da identidade cultural, do local da cultura, com as inter-relações com o lugar podem ser a base da obra a ser analisada.

[...] demonstrar que a oposição costumeira entre literatura e realidade, cultura e sociedade máscara profunda interconexão: não se pode analisar uma sem a outra, e nem mesmo sem conceber uma literatura sem a realidade que ela

produz e reproduz, ou, pela mesma via, uma sociedade sem a cultura que define seu modo de vida (Cevasco, p.150, 2003)

Sobre a questão do arquivo, da memória e sobre os valores da crítica literária. “[...] Não importa quão diferentes seus membros possam ser em termos de classe, gênero ou raça, uma cultura nacional busca unificá-los numa identidade cultural, para representá-los todos como pertencendo à mesma e grande família nacional (Hall, 2006, p. 59). Corroborar Bauman ao apontar que a cultura é singularmente humana no sentido de que apenas o homem, entre todas as criaturas vivas, é capaz de desafiar sua realidade e reivindicar um significado mais profundo, a justiça, a liberdade e o bem, seja ele individual e coletivo (Bauman, 2012, p. 302).

Nos estudos de Bauman, as influências inconscientes que são agregadas ao cotidiano e percebidas posteriormente vêm sendo interpretado como liquidez, pois não têm a solidez de uma rocha, não são garantidas para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis. As decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age e a determinação de se manter firme a tudo isso são fatores cruciais tanto para o pertencimento quanto para a identidade (Bauman, 2005, p.17).

Pontuando a representatividade em algumas incursões, é possível afirmar que, a “atividade artística do escritor não se descola da sua influência política; a influência política sobre o cidadão não se descola da sua atividade artística” (Santiago, 2004, p. 66). Todavia, cabe salientar que toda ficção vem de um foco de realidade, “isso porque toda obra literária se dá numa lógica dialética, de ser produto e produtora de seu tempo (Candido, 2009)”, diante dos relatos surge um questionamento quanto o teor autobiográfico da obra.

Considerando as relações de trabalho e a existência social que fomenta todo o enredo quanto às relações materiais de produção, que, em muitos casos, como o descrito na obra, representa o descontentamento nas relações de trabalho que geram frustração nos colaboradores ao analisarem a sua relevância, o seu valor. “Definir de alguma forma a aura radioativa que envolve uma criatura frustrada (Falero, 2020, p. 31)”. As condições de trabalho são determinantes também quanto às relações entre si considerando o material. Esse movimento de produção e reprodução da vida social nos conduz a categoria trabalho.

Com o descontentamento e diante das condições de trabalho no supermercado, Pedro propõe a comercialização de maconha. Pedro opina que vender maconha vai ser

sossegado: “A gente vai evitar conflito, Marques. Tendeu? E é por isso que a gente vai vender só maconha. Ninguém faz guerra por causa de maconha, mano” (Falero, 2020 p. 66), como uma forma de proporcionar dignidade a família. Contudo, o enredo se encerra com a prisão de Pedro, o protagonista que representou com maestria a voz da periferia no contexto da literatura contemporânea, enfatizando que a população da periferia é “pobre demais para ser lembrada, preta demais para ser levada em consideração” (Falero, 2020, p. 246). A discussão sociopolítica reforça a representatividade do autor na literatura contemporânea.

3 Contextualizando a obra *Os Supridores* - de José Falero.

No romance *Os Supridores*, os personagens são constituídos de múltiplos aspectos que entrelaçam as questões socioeconômicas implícitas no texto, mas que geram certa confusão entre a ficção e o real; [...] diz que o "real" supostamente basta-se a si mesmo, que é bastante forte para desmentir qualquer ideia de "função", que sua enunciação não precisa ser integrada a uma estrutura, e que o "ter-estado-lá" das coisas é motivo suficiente para que sejam relatadas (Barthes, 2004, p.188), retratos da periferia comum a muitos outros espaços, que segundo o autor esta fora do alcance do poder público. “[...] a literatura, como prática social, ajuda a construir representações que extrapolam o texto e o próprio campo literário (Damatta, 2011, p. 20),” fugindo do padrão da hegemonia social que compõem o sistema literário.

A narrativa apresenta uma linguagem marcada por oralidade tanto nos personagens quanto no narrador que, “nessas viela tudo aí, cheinha de miséria, ódio e sofrimento, a vida não tem tanto valor: quem mata não se importa muito de matar; quem morre não se importa muito de morrer (Falero, 2020, p.27)”, não mantém uma linguagem padrão no discurso, aparentemente, busca validar a linguagem daquele lugar, apresentando um narrador culto e perspicaz nas discussões, pois os diálogos são duros, porém, inteligentes.

Quanta gente tu já viu fazer isso, Marques? Uma pá de mano que se criou contigo, que jogou bolita no barro contigo, que foi no baile a primeira vez contigo. Tudo mortinho da silva. Mas a gente tá aqui. Eu nem sei como, mas a gente tá aqui. Se esquivando das broncas, contrariando as estatísticas, dando um jeito de comer e beber, tirando onda quando dá pra tirar onda. A gente tá

aqui porque a gente não é de barro, nem de vidro, nem de cera; a gente é pica dura (Falero, 2020 p.140).

Esse fragmento salienta a ideia de que a periferia tem conteúdo relevante, tem cultura que merece tratativas além do julgamento pejorativo de valor, de modo que a tal romantização da pobreza, já mencionada em relação aos poucos periféricos, de alguma forma se destaca. Na obra, essa questão vem estruturada no modo como o discurso de Pedro, se processa. “Eu, na real, nem posso dizer que eu vivo: eu sobrevivo” (Falero, 2020, p. 24), tenta persuadir Marques a buscar novas conquistas, a observar a desvalorização do trabalho que eles desenvolvem, e o que é possível adquirir com as recompensas pelo trabalho prestado. “Em nossa época líquido-moderna, o mundo em nossa volta está repartido em fragmentos mal coordenados, enquanto as nossas existências individuais são fatiadas numa sucessão de episódios fragilmente conectados” (Bauman, 2005, p. 19), assim, muitos acabam alienados, vitimizados por uma rotina que limita e marginaliza.

Só o que eu faço é suar e suar para me manter respirando, e mais nada. Uma puta numa usina trabalhando a todo o vapor só para acender uma bosta numa lâmpada! É, eu preciso ficar rico, custe o que custar. Preciso dar um jeito de experimentar as coisas que faz a existência valer a pena, e não vai ser trabalhando que eu vou conseguir isso (Falero, 2020, p. 24).

Pedro utiliza o tempo de deslocamento entre a casa e o trabalho, para leitura, e com o conhecimento adquirido nos livros, ele tenta convencer o colega Marques sobre a necessidade de empreender diante das desigualdades que fazem parte da rotina de trabalho deles. “Eu não quero mais saber de ética, de moral, de lei, de certo ou errado. Foda-se tudo! Eu quero é ficar rico. Eu quero dinheiro. E outra: quero logo! (Falero, 2020, p.28)”. Assim, é possível observar a representação de inconformismo diante da vida, e da falta de valorização do trabalho.

Tu acha mesmo que a gente não trabalha mais do que o dono desta rede de supermercado? Esse cara nem sequer trabalha, Marques. Mas, mesmo que ele trabalhasse, não ia poder trabalhar tanto, a ponto de merecer o mar de dinheiro que ele tem, enquanto a gente trabalha e trabalha só pra ganhar a quantidade de dinheiro exata pra não morrer de fome e continuar trabalhando e trabalhando (Falero, 2020).

Diante da desvalorização do trabalho, e das múltiplas funções agregadas à função de supridor, no enredo, Pedro usa seu repertório intelectual para convencer o colega de trabalho, o intempestivo Marques, a vender maconha.

Sendo assim, dentro do contexto da periferia ainda que ficcional é relevante investigar o que seriam os gatilhos e de que modo influenciam na estruturação dos personagens, pois a experiência social vinculada à violência é uma coleção de tragédias que podem ser frequentemente banalizadas. O enredo representa o cotidiano de trabalho árduo das personagens e a inconformidade diante do não reconhecimento. Pedro enfatiza a questão do direito e do merecimento diante das condições de trabalho.

O direito de abrir a boca e dizer que alguma coisa te pertence, ou seja, o tal do direito à propriedade privada, esse direito devia andar de mão dada com o merecimento, e merecimento é sinônimo de trabalho. Merecimento é rosto suado e mão calejada. Não existe outro tipo de merecimento. O fiel da balança mais justo é o trabalho. E a balança mais justa mostra pra quem quiser ver que o dono dessa rede de supermercado tá ganhando bem mais dinheiro do que merece, enquanto os funcionários, incluindo eu e tu, tamo ganhando bem menos dinheiro do que a gente merece (Falero, 2020).

Na quebrada⁶, como o autor intitula a periferia, os vários tipos de violência são uma constante: violência sexual; violência de gênero; violência institucional; violência Epistêmica decorrentes não apenas pela desigualdade, mas por uma série de questões que cativam muito essas pessoas que acabam se acostumando com a banalização da tragédia.

A personagem principal da obra, Pedro, mesmo sendo de origem humilde, destaca a filosofia de Marx para discutir as relações de trabalho e a desigualdade. O autor destaca que,

Antes de chegar ao pensamento de Marx, eu já olhava pro mundo de um jeito meio marxista, tá ligado? Claro que era espontâneo, sem saber o que era o marxismo. Mas eu já refletia sobre questões que haviam sido analisadas pelo pensador alemão. A indignação com a desigualdade social, que adquiri ao voltar para a Lomba do Pinheiro, veio primeiro. Quando tive contato com a obra de Marx, eu já me sentia familiarizado com a maioria das questões levantadas por ele⁶.

No entanto, a obra convida o leitor a analisar que nem todo mundo que está na periferia é alienado. Embora as desigualdades sejam significativas, é preciso reavaliar a periferia, dar voz aos que foram deixados à margem, e apontar as contribuições do que

⁶ Disponível em: <https://revistaopera.com.br/2021/08/23/jose-falero-o-ex-supridor-de-supermercado-que-se-tornou-o-escritor-mais-discutido-do-brasil/>. Acesso em: 10 de julho de 2022.

tem sido chamado de literatura marginal. Isso posto, salienta-se, ainda, que, embora a obra trate da comercialização da maconha, o foco não é normalizar a venda, nem estimular o consumo, mas retratar o comum em algumas comunidades.

Dessa forma, é relevante analisar o cenário contemporâneo, “no consenso ao qual hoje as democracias entregam as suas sortes, na última, extrema e exausta fase da sua evolução, é, como se diz, outra história, sobre a qual deixo vocês refletirem” (2009, p. 92) que apresenta as relações entre o tempo e o indivíduo que se enxerga nos contextos sociais.

4 Contemporâneo – a literatura menor e a representatividade da periferia

No contexto contemporâneo, o indivíduo dito estranho tem ganhado voz e conquistado espaços que estão na fronteira das desigualdades sociais que limitavam o acesso dessas pessoas ao básico para a sobrevivência, porque os excluídos estavam em territórios que propiciavam a marginalização. “Pela desterritorialização, toda a problemática social e política penetra no campo literário e imprime uma feição própria à estética dos “menores” (Deleuze, 1978, p. 155)”.

Com as representações vinculadas a literatura periférica houve uma quebra de paradigma quando a cultura dos menores alcançou visibilidade.

Menor é aquela prática que assume sua marginalidade em relação aos papéis representativos e ideológicos da língua e que aceita o exílio no interior das práticas discursivas majoritárias, formulando-se como estrangeiro na própria língua, gaguejando e deixando emergir o sotaque e o estranhamento de quem fala fora do lugar ou de quem aceita e assume o não-lugar como seu deserto, na impossibilidade de uma origem (Schollammer, 2001, p. 63).

As discussões acerca da literatura periférica ressaltam quem pode escrever e para quem se escreve, propiciando transformações no sujeito e no espaço em que eles atuam. Diante disso, a Literatura Marginal passa a ser abordada como, “uma literatura feita por minorias, sejam elas raciais ou socioeconômicas. Literatura feita à margem dos núcleos centrais do saber e da grande cultura nacional, ou seja, os de grande poder aquisitivo (Ferréz, 2005, p. 12)”, mas que expressa a realidade desse grupo.

Nas representações literárias da periferia, constatou-se que ela ganhou voz e tem sido reconhecida, contudo, “assumir uma posição subversiva perante o Estado, produzir seu próprio discurso literário, artístico, é, sobretudo, uma forma de resistência aos séculos de exclusão social a que foram submetidos” (Oliveira, 2017, p.47), haja vista que, os discursos apresentam, em sua maioria, as desigualdades sociais que fazem parte da rotina do sujeito periférico. A literatura representa um caráter social diante do cenário em que o sujeito está inserido; quando esse se reconhece, passa a colaborar com ações que possam mudar o contexto.

Convém destacar que a literatura vem passando por um processo de mudança diante das diretrizes pré-estabelecidas pelo cânone e, nesse sentido, é possível apontar as observações da professora Maria Eneida de Souza, ao afirmar que, "suscitar questões de ordem teórica ou de problematizar temas de interesse atual, sem se restringir a um público específico" (Souza, 2002, p.68) é uma das capacidades que deve ser considerada na produção literária. Acrescenta-se aqui, o fato de que o objeto literário tem conquistado representatividade quanto à desconstrução da cultura vigente. A cultura da periferia deve ser considerada e expressa de modo que os transeuntes da sociedade contemporânea possam se reconhecer de alguma forma.

[...] a cultura periférica seria, então, a junção do modo de vida, comportamentos coletivos, valores, práticas, linguajares e vestimentas dos membros das classes populares situados nos bairros tidos como periféricos. [E ainda faz parte dessa cultura as] [...] manifestações artísticas específicas, como as expressões do hip hop (break, rap e graffite) e a literatura marginal, que reproduziam tal cultura no plano artístico não apenas por retratarem suas singularidades, mas por serem resultados da manipulação dos códigos culturais periféricos (como a linguagem com regras próprias de concordância verbal e uso do plural, as gírias específicas, os neologismos etc.) (Nascimento, 2011, p. 13).

Diante disso, acredita-se que a literatura da periferia é um retrato pertinente daqueles que estão sendo colocados à margem da sociedade, porém, são detentores de uma cultura que precisa ser respeitada e representada de diferentes formas. “Na falta de nomes representativos dessa literatura “marginal” e de cânones cristalizados pela tradição que servem de referenciais coercitivos referendados pelas instituições, abre-se ao escritor a possibilidade de transgredir as normas e questionar-se sobre o seu próprio objeto (Batalha, 2003, p.115)”.

Como foi colocado por Falero, é necessário tirar a literatura do altar burguês e apresentar novas representações do real. Com essa abordagem, teóricos pontuam que os Estudos Culturais "estariam ameaçando os estudos literários, corrompendo o objeto de análise e distorcendo a teoria da literatura." (Souza, 2002, p.68). A literatura sempre passou por processos de mudanças que acabaram sendo caracterizadas nos períodos literários. Dessa forma, é preciso que se ampliem as discussões quanto às inferências dos Estudos Culturais, na teoria da literatura.

Considerações Finais

Este estudo propôs apresentar a obra, discutindo o que tem sido intitulado literatura menor, periférica ou marginal. O enredo de *Os Supridores* parte do descontentamento de prestadores de serviço assalariados que analisam o processo produtivo e concluem que, mesmo produzindo de modo efetivo, a forma como são remunerados não condiz com o quanto contabilizam para os cofres do padrão. Embora o sujeito busque produzir mais e melhor, desenvolvendo diversas atividades inseridas em um único registro formal, ele não consegue perceber mudanças significativas nas suas conquistas, o poder de compra, o desejo de possuir limita-se as necessidades básicas.

Diante do material investigado, é possível concluir que o autor busca apresentar no livro uma representação da periferia associando a violência urbana com as injustiças sociais, que acabam por enfatizar as situações de racismo, machismo, bem como, diversas situações de desigualdade que colocam o ser humano a margem da sociedade, sem que haja nem mesmo, boas condições de trabalho, para que o indivíduo tenha uma possibilidade de ser alguém, diante daquilo que ele vê como merecimento.

Sendo assim, conclui-se que a literatura intitulada periférica ou marginal foge dos padrões, assim, não se enquadra no que estabelece o cânone literário como sendo o padrão. Todavia, essas produções representam uma grande parcela da sociedade que se reconhece nas descrições representadas na literatura periférica, e, com isso, colaboram para que sejam feitas ações que possam vir a mudar a representatividade das desigualdades sociais, foco dos textos taxados como marginais, mas que, na verdade, poderiam ser inseridos no contexto das narrativas contemporâneas, na América Latina.

Referências

- AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo? e outros ensaios**. Tradutor Vinicius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2009.
- BARTHES, Roland. **S/Z**. Tradução de Léa Novaes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- BAUMAN, Zygmunt. Cultura como práxis. In: **Ensaio sobre o conceito de cultura**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012
- BAUMAN, Z. **O mal-estar na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 1997.
- CANDIDO, Antonio. "Introdução". IN: **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos. 1750-1880**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul; São Paulo: FAPESP, 2009.
- DAMATA, Anderson Luís Nunes. Representações e responsabilidade na narrativa brasileira contemporânea. In: DELCASTAGNÉ, Regina; THOMAZ, Paulo C. (org.). **Pelas margens: representação na narrativa brasileira contemporânea**. São Paulo: Editora Horizonte, 2011.
- EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura: uma introdução**. Tradução de Waltensir Dutra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- FALERO, José. **Os Supridores**. São Paulo: ainda, 1ª ed., 2020.
- GARRAMUÑO, Florencia. **Frutos estranhos: sobre a inespecificidade na estética contemporânea**. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.
- HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. (Org.). **Identidade e diferença. A perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural da pós-modernidade**. São Paulo: DP&A, 2006.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- NASCIMENTO, Érica Peçanha. **Literatura marginal: os escritores de periferia entram em cena**. 2006. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.
- OLIVEIRA, Cleber José de. Literatura modernista e literatura periférica: engajamentos intelectuais de representação e autorrepresentação. **ArReDia**, Dourados, v. 6, n. 10, p. 43 - 57, jun. 2017. ISSN 2316-6169. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/arredia/article/view/6121>. Acesso em: 26 de julho de 2022.
- RESENDE, Beatriz. **Contemporâneos: expressões da literatura brasileira no século XXI**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2008.
- SANTIAGO, Silviano. *Uma literatura anfíbia*. In: SANTIAGO, Silviano. **O cosmopolitismo do pobre: crítica literária e crítica cultural**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2004
- SCHOLHAMMER, Karl Erik. **Ficção brasileira contemporânea**. 2ª ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.
- SOUZA, Eneida Maria de. "A teoria em Crise" In: **Crítica Cult**. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2002.